

PRETAS NO CORRE

Jovens em movimento



SUMÁRIO

EDITORIAL

“SABERES EM MOVIMENTO” - 3

**JOVENS MULHERES NEGRAS EM AÇÃO
TRANSFORMADORA - 4**

**A REALIDADE DO MERCADO DE TRABALHO
PARA JOVENS NEGRAS - 6**

**TRANSFORMAR A DOR EM LUTA
E LEGADO PARA JOVENS - 7**

PRETA - 9

EMPREENDER COM RAIZ - 10

ME VEJO NAQUILO QUE CONSUMO - 12

CARTA PARA O FUTURO - 13

Saberes em Movimento

“A margem é um local de resistência. Entrar no centro e ainda manter uma conexão com a margem é o desafio que enfrentamos.”
— bell hooks, Ensinando a Transgredir

A revista “Pretas no Corre” é uma produção coletiva que emerge do projeto Mude com Elas, desenvolvido pela Ação Educativa, com foco no fortalecimento do protagonismo de mulheres negras e periféricas, por meio da formação política, da criação cultural e da comunicação comunitária. Esta publicação nasce como um desdobramento concreto desse processo formativo: um espaço de elaboração crítica, expressão autoral e construção de memória social, fundamentado nas vivências e perspectivas das mulheres participantes. Mais do que reunir textos e imagens, esta revista se constitui como um documento político e pedagógico. Ela registra o percurso de mulheres negras em seus territórios e subjetividades, ao mesmo tempo que tensiona as formas hegemônicas de produção de conhecimento. Aqui, as vozes e narrativas apresentadas não ocupam a periferia como ausência, mas se afirmam como centrais em sua potência de análise, invenção e denúncia.

O título “Pretas no Corre” sintetiza com precisão a urgência, a sobrecarga e a agência que marcam a experiência de tantas mulheres negras nas cidades. O “corre” é sobrevivência pelo trabalho, mas também é criação. É uma rotina atravessada por racismo, machismo e desigualdade — mas também é reinvenção cotidiana, rede de cuidado, força ancestral e inteligência prática. Esta publicação assume o compromisso de dar forma, visibilidade e valor a esses saberes que muitas vezes circulam de forma oral, informal ou são sistematicamente invisibilizados.

A elaboração desta revista foi realizada pelas próprias mulheres participantes do projeto, por meio de oficinas de escrita, design, comunicação e editorial, conduzidas pela equipe da Viração Educomunicação. O resultado é um material diverso, crítico e de alta qualidade, que reúne entrevistas, relatos, reflexões, imagens, poesias e indicações culturais voltadas ao fortalecimento de novas perspectivas no campo das epistemologias negras. Cada conteúdo foi construído com rigor, escuta e intenção, respeitando os modos de expressão de cada autora. As responsáveis por esta edição — Brendaly Matos, Maria Eduarda Pimentel e Amanda Santos — coordenaram um processo horizontal e colaborativo, em que cada escolha editorial foi atravessada pelo diálogo, pelo respeito às histórias compartilhadas e pela compreensão da potência de cada voz.

Adento: A citação de bell hooks nos convida a refletir sobre a potência da margem como lugar de resistência e produção de saberes. Para as mulheres negras retratadas nesta revista, a margem não é ausência — é o corre. É onde se constrói o saber com o corpo, com a palavra, com o afeto e com a luta. É no entrelaçar da rotina e da resistência que nasce o que chamamos de “Pretas no Corre”: uma travessia que desafia a lógica do centro, sem romper os vínculos com a ancestralidade e com a coletividade de Sankofa.

Jovens mulheres negras em ação transformadora

As dez jovens vinculadas ao projeto Mude com Ela constituem um campo emergente de lideranças negras no cenário sociopolítico contemporâneo. Suas trajetórias, ainda em processo de consolidação, evidenciam a articulação entre justiça social, memória ancestral e a elaboração de práticas coletivas ancoradas em contextos territoriais específicos.

Esse movimento não se reduz a experiências individuais, mas insere-se em uma dinâmica mais ampla de resistência, na qual a juventude negra feminina não apenas ocupa espaços de enunciação, como também reivindica centralidade epistêmica e política em agendas vinculadas à educação, cultura, saúde, meio ambiente e direitos humanos.

Apresentá-las em Pretas no Corre é reconhecer sua potência como agentes de mudança e destacar vozes que traduzem, ao mesmo tempo, a continuidade de lutas históricas e a invenção de novos horizontes para o futuro, ampliando o repertório analítico sobre juventude, raça e gênero no Brasil.



AMANDA DOS SANTOS, 20 ANOS

“Onde o afeto é insubordinação e a consciência, vertigem.”



KALI RODRIGUES, 24 ANOS

“Nem sempre quem luta vence, mas os que venceram, lutaram.”



BRENA RODRIGUES, 25 ANOS

“Ọkàn ríran ju ọjú lọ” (o coração pode ver mais profundamente do que os olhos)



JULIA MENDES, 24 ANOS

“Eu não tive tempo de ter medo.”



MARIA EDUARDA PIMENTEL, 23 ANOS

“Ser capaz de recomeçar sempre, de fazer, de reconstruir, de não se entregar, de entender e de viver a vida como processo, como vir a ser...” - Paulo Freire

STEPHANIE FILGUEIRA, 26 ANOS

“Sou 100% cria de projeto social. E não falo isso como algo menor. Pelo contrário: foi nesses espaços que encontrei afeto, força, propósito. Foi onde aprendi que a arte pode ser uma forma de reivindicar o mundo.”



DEUSA NEGRA (LUANNE SANTOS), 26 ANOS

“Mulheres negras não começam a luta quando crescem, nascemos lutando. A nossa mobilização vem do berço, do quintal das nossas pretas, das conversas sussurradas pelas mais velhas...” - Deusa Negra

BRENDALY MATOS, 23 ANOS

“A liberdade nunca é concedida pelo opressor, ela deve ser exigida pelo oprimido.”
- Martin Luther King



ABIGAIL THAÍS SANTOS, 26 ANOS

“Acredito profundamente no poder da coletividade e do afeto como um catalisador social.”

TAYNARA SILVA, 25 ANOS

“Enquanto mulheres trans e travestis não estiverem a salvo, nenhuma mulher estará.”



A realidade do mercado de trabalho para jovens mulheres negras

O mercado de trabalho para jovens mulheres negras é marcado por diversos desafios, reflexo das desigualdades estruturais e históricas, raciais e de gênero, enraizadas na sociedade brasileira. De acordo com pesquisas realizadas na 1ª fase do projeto Mude com Elas e dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), jovens mulheres negras enfrentam as maiores taxas de desemprego e informalidade, comparado a outros grupos demográficos.

As jovens negras são o grupo com menos acesso a contratos formais no mercado de trabalho e em sua maioria trabalham na informalidade, sem as proteções garantidas pela Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT).



O Brasil é um dos países com maior desigualdade social e econômica na América Latina e no mundo.



O acesso ao ensino superior é menor para jovens negras. Enquanto 39,8% das jovens brancas frequentam ou concluíram o ensino superior, apenas 23,4% das jovens negras estão nessa situação.



A taxa de desemprego entre jovens mulheres negras (18 a 24 anos) é de 18,3%, sendo três vezes maior que a de homens brancos (5,1%) na mesma faixa etária.

Ademais, jovens mulheres negras enfrentam sobrecarga doméstica e ocupam majoritariamente os trabalhos de cuidados. Entre os jovens que deixaram de buscar emprego ou educação por esses motivos, 77% são mulheres negras.

Transformar a dor em luta e legado para as jovens



Licenciada em Artes Visuais e Pedagogia, é professora de arte no SESI, pesquisa a educação das Relações Étnico-Raciais e coordena projetos educativos no Instituto de Referência Negra Peregrum com o intuito de formar novas lideranças do Movimento Negro. Também atua como coordenadora e formadora de professores do Núcleo de Estudos Yabás no Cursinho Popular da Uneafro em Jacareí/SP.

A Maíra, a menina, sofreu muito com o racismo — na escola, no lugar onde morava, até mesmo dentro da família. Transformar toda essa dor, esse sofrimento que não era compreendido na infância, hoje é o que me move: transformar dor em luta, em acolhimento para outras meninas.

Me considero uma pessoa idealista, que sonha com um mundo mais justo, onde a gente não precise mais lutar contra o racismo, o machismo, a homofobia, as desigualdades de classe, a fome. Sonho com o bem viver para todos e todas, e isso me move todos os dias. A vida me levou para a educação. Fiz faculdade de artes visuais porque gostava de arte, mas acabei me apaixonando pelas disciplinas pedagógicas e pelo ato de educar.

Hoje exerço minha militância através da educação, construindo o Movimento Negro Educador na Uneafro, atuando como professora da educação básica. Minha luta está inclusive dentro do currículo, em sala de aula. Parece que tudo me encaminhou para esse lugar, e sou muito realizada por poder formar jovens negros e trabalhar com o que escolhi.

Sempre tive o sonho de ser mãe. Sou filha de Oxum, orixá da fertilidade e do cuidado. Meu filho veio num momento esperado, foi muito desejado. Hoje tenho mais um motivo para fazer tudo com amor e dedicação, para que ele se orgulhe de mim e tenha boas histórias pra contar. O que fica é o legado.

Quero construir um futuro próspero para as próximas gerações, que não precisem passar pela dor para se reconhecerem negras, mas que tenham uma construção de identidade positiva desde cedo. Eu me identifiquei enquanto negra através da dor, e espero que as próximas gerações não precisem disso. Que entendam desde o início que ser negro é também beleza, força, vitória e resistência.

A Uneafro e o Instituto Peregum são espaços fundamentais para mim — lugares de atuação, luta e realização profissional. Coordeno projetos educativos, dou aula no ensino básico no SESI, e coordeno o núcleo em Jacareí. Tenho 3 empregos (brinco que ganhei do Július, pai do Cris), mas todos me alimentam também.

Tento cuidar da alimentação, voltar a fazer atividade física, dormir bem. Faço terapia semanalmente e isso tem sido essencial para equilibrar todos os pratinhos da rotina. A sala de aula também é um solo fértil para mim: de trocas, de escuta, de acolhimento. É onde me nutro e encontro força para continuar.

Minha mensagem é de acolhimento. Estamos juntas nessa luta, e pra isso precisamos estudar muito e cuidar da nossa saúde física e mental. Precisamos de força, estar atentas e fortes. O conhecimento é essencial para dar nome às opressões e não sucumbir a elas. Se localizar na luta é entender que, apesar de doer, não é pessoal — é coletivo, é estrutural. Saber disso nos fortalece. Estamos juntas. Lutamos juntas. E contem comigo sempre para a luta.

PRETA

Vivendo na diáspora
Aprendendo com os meus
Tecnologia ancestral é estar em união!
Marchamos em uma busca de
Reparação, espiritual e ambiental
De bem viver e saber desejar o que se quer TER E SER!
Nos chamam de mulheres negras, bravas e raivosas
mas não entendem o peso nas nossas costas
Meus peitos estão fartos mais do que minha própria casa,
estou armada de poesias e sendo alvo das suas fardas!
Eu continuo dizendo que nossas mulheres sempre são PRESENTES
para substituir um papel de pai ausente.
Nos tiraram o direito de viver e hoje buscamos pelo bem viver
Com prosperidade ao comer, falar, andar, amar, gestar e parir
Com dignidade ao trabalhar, criar e produzir
porque Deus é uma mulher preta e pra resistir a esse sistema
só sendo PRETA para resistir em meio a tristeza só sendo DEUSA!

- Deusa Negra



Empreender com Raiz



Beatriz Sampaio de Matos, 19 anos. Vive na cidade de Franco da Rocha – SP. Desde pequena, sempre foi apaixonada pelas tranças e suas raízes, algo que conheceu através de sua avó. Enquanto crescia, aprendeu a fazer tranças em si própria. Em 2024, decidiu se profissionalizar e fez um curso de tranças nagô, com o objetivo de atender outras pessoas. Isso a motivou a se tornar trancista, profissão que exerce há 1 ano. Acredita que ainda tem muito a aprender e está sempre buscando conhecimento. Mesmo com a correria da vida, entre trabalho e estudos, sempre arruma um tempo para fazer tranças, pois é algo que carrega como parte da sua história e ancestralidade.

@beaa.braidss



Kali Rodrigues. Cria do Jd Ângela, corintiana, ativista cultural por natureza e fotógrafa. É parte de sua personalidade expressar o que acredita e defende através das lentes. Jornalista de formação, encontrou na fotografia um espaço de expressão e contemplação da vida. Participante ativa dos coletivos: Marcha da Maconha (SP e ABC Paulista) e Mude com Elas.

@kalirodrigues

O CORRE DAS PRETAS



Raiz Oliveira, criadora natural, arte-educadora ambiental, escritora, poeta, contadora de história, mediadora de leitura, produtora cultural e tudo mais o que quiser ser. Há 11 anos, cria arte de forma autônoma. Em 2017 criou sua marca “Dias Menos Iguais” que visa fortalecer nossos laços com a natureza e a arte. Criando com as Amigas Árvores (galhos, troncos, folhas, cascas, sementes): joias naturais; brinquedos; cadernos; esculturas, objetos de decoração, entre outras criações naturais. Ministra oficinas de artes; educação ambiental; escrita criativa. Com suas criações nas artes manuais e na escrita, fortalece a ideia de que somos natureza e da importância de nossa ancestralidade, e como estar em comunhão com elas fortalece nosso bem viver. Tem como mantra: Quem anda com Árvore, Árvore é!

@diasmenosiguais / @cacommeusbotoes



Tiffany, 26 anos, tranquista há 10 anos. Seu contato com a profissão começou cedo: aos 14 já usava tranças, mas como seus pais não podiam sempre pagar, começou a trançar seu próprio cabelo e depois de algumas amigas e familiares. Se apaixonou e aos 18 passou a trabalhar tranças. Teve que fazer uma pausa quando arrumou emprego fixo, casou-se e na pandemia, descobriu uma gravidez gemelar. Seu ex-marido faleceu antes do nascimento dos gêmeos, mas com apoio da família seguiu em frente. Voltou a fazer cabelos em casa, acompanhando de perto o crescimento de Gael e Dandara. Hoje é mãe preta solo, de gêmeos autistas, e segue batalhando pelo sonho de ter seu próprio espaço. Sua maior recompensa é ver a autoestima renovada de cada cliente e poder mostrar aos meus filhos que, apesar das dificuldades, nada é impossível. Além das tranças, também mergulha no universo da arte e compõe para alguns artistas, sempre com muito amor.

@negritasbraids

Me vejo naquilo que consumo

Você já parou para pensar em quais artistas você consome? Na arte, na literatura, na música...? Esses artistas te representam?

Durante muito tempo, fomos ensinados a consumir e apreciar um certo tipo de conteúdo, feito majoritariamente por pessoas brancas. Entretanto, para que possamos nos reconhecer naquilo que consumimos, é necessário dar visibilidade àqueles que falam sobre nós e nossas realidades.

O Corre das Pretas reuniu indicações artísticas e culturais para você conhecer e apreciar.

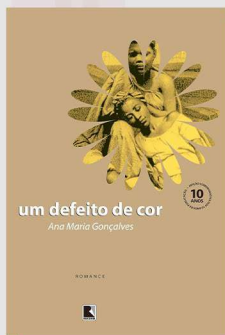


Chewing Gum - Reprodução/Netflix

A série britânica de comédia acompanha a vida de Tracey Gordon, uma jovem de 24 anos criada em uma comunidade religiosa rígida que decide explorar o mundo além das regras que sempre seguiu. A série se destaca pelo olhar afiado e divertido sobre o cotidiano de uma juventude negra que busca liberdade e autoconhecimento.

Podcast Afetos - Reprodução/Spotify

Apresentado por Gabi Oliveira e Karina Vieira, o Afetos é um espaço de conversa sincera e acolhedora sobre temas ligados às vivências de pessoas negras, cotidiano, autoestima, política e cultura. O podcast mistura reflexões profundas com um tom leve e acessível, sendo uma ótima escuta para quem quer se identificar, aprender e se inspirar com histórias reais.



Um Defeito de Cor - Reprodução/Editora Record

Escrito por Ana Maria Gonçalves, o romance narra a trajetória de Kehinde, uma mulher africana que, ainda criança, é sequestrada no Daomé e trazida como escravizada para o Brasil do século XIX. A obra acompanha sua luta pela liberdade, seus afetos, perdas e conquistas, passando por temas como racismo, escravidão, maternidade e resistência. Misturando história e ficção, o livro dá voz a uma personagem negra que reconta a experiência da diáspora africana com força e sensibilidade, sendo considerado um marco da literatura brasileira contemporânea.

Carta para o Futuro

Ei, você do futuro...

O corre é pesado, mas nossa visão é poderosa. Entre trancos e barrancos, a gente sonha, projeta, insiste. Esta página é um convite pra você parar um pouco e conversar com a mulher preta que você será daqui a 5 ou 10 anos.

Pensa nela. Como será seu olhar? Onde você vai estar morando? O que vai estar sentindo?

O que você quer lembrar, e o que quer deixar pra trás?

Escreva aqui sua carta. Pode ser com raiva, com esperança, com poesia ou só com verdade. Essa conversa é só sua.

Quando o futuro chegar, que ele te encontre com orgulho de quem você foi hoje.

Como escrever sua carta para o futuro?

Como escrever sua carta para o futuro?

Use esse espaço para escrever livremente, ou se quiser, se guie por essas perguntinhas:

1 - O que você tem aprendido sobre si mesma ultimamente?

2 - Que medos você quer superar?

3 - Que sonhos você se recusa a abandonar?

4 - Que promessas quer fazer a si mesma?

5 - O que você espera que não mude nunca?





Realização

Jovens Ativistas Mude com Elas

Idealização

Amanda Santos, Brendaly Matos e
Maria Eduarda Pimentel

Ilustração

Stephanie Felicio

Design e Diagramação

Alisson Cordeiro

Apoio

Viração

Nos acompanhe

@mudecomelas
mudecomelas.org.br
acaoeducativa.org.br



